

DOCUMENTAÇÃO

www.aese.pt

Índice

Conservadores a favor e contra Trump	1
O fosso religioso do "trumpismo"	4

Conservadores a favor e contra Trump

Donald Trump não foi o protagonista das últimas eleições legislativas nos Estados Unidos. Mas o resultado de 6 de novembro último pode alterar a relação do Grand Old Party (GOP) com o seu líder. Sobre a mesa também existe um debate de ideias: será que o conservadorismo necessita de Trump?

As radiografias mais comuns dos votantes de Trump situam-nos na cintura industrial do Centro-Oeste ou na América profunda do Sul: homens e mulheres brancos, com poucos estudos, desempregados ou em empregos manuais afetados pela globalização. Estes votantes foram decisivos na sua eleição, mas são apenas uma parte da história. A outra – mais significativa do ponto de vista numérico – é que Trump mantém o apoio de mais de 80 % dos republicanos, segundo a Gallup.

Os quase 63 milhões de pessoas que votaram Trump nas presidenciais de 2016 não são um bloco homogéneo. As suas posições variam em muitos temas, da mesma forma que o seu grau de lealdade para com o presidente. Também há significativas diferenças económicas, educativas e demográficas entre eles.

É o que mostra Emily Ekins, investigadora do Cato Institute, num [estudo](#) que retrata cinco tipos de votantes de Trump: os da classe trabalhadora e com menos estudos, muito críticos para com o sistema e, em geral, anti-imigração, que representam 20 % das suas bases e são o grupo mais leal a Trump; os conservadores clássicos (31 %); os defensores do mercado

livre (25 %); os que se opõem às elites (19 %), muitos deles ex-democratas desencantados com Hillary Clinton; e os "desligados" (5 %), que não costumam votar, mas que, em 2016, o fizeram pelo republicano.

Por seu lado, Salena Zito e Brad Todd identificam até sete tipos de votantes de Trump em "The Great Revolt: Inside the Populist Coalition Reshaping American Politics", um estudo centrado nos cinco estados da região dos Grandes Lagos.

Uma coligação fragmentada

O caos ideológico do Partido Republicano – expressão da crise de identidade que atravessa a formação desde há vários anos – ficou à vista na corrida pela nomeação presidencial, à qual se apresentaram 17 aspirantes. Apesar de alguns contarem com o apoio do *establishment* ou o dos "votantes de valores", duas das correntes tradicionais do GOP, nenhum resistiu a Trump. Este *outsider* da política, que não era a primeira opção para muitos republicanos, estava certo de vir a ter o apoio do maior número de facções, com a ajuda de uma [campanha](#) ("Aceprensa", 20.7.2016) tão oportunista como cheia de contradições.

Com Trump na Casa Branca, as incoerências ideológicas continuaram. Em parte, eram inevitáveis, dada a natureza da sua coligação. Como contentar simultaneamente os que reclamam menos globalização ("America First") e os defensores do comércio livre? Como contentar simultaneamente os que pedem proteção para indústrias em crise e os que querem o Estado longe da economia? Como contentar simultaneamente

os que reclamam mais prestações sociais e os que se queixam do nível da despesa pública?

Este choque de posições explicaria as tensões de Trump com a cúpula do GOP, assim como a relativa paralisia dos legisladores republicanos. Apesar de ter contado com o controlo de ambas as câmaras, o Partido Republicano de Trump “não apresentou nada mais criativo do que outra reforma fiscal e algumas tentativas de derrubar o Obamacare”, [lamenta](#) David Byler em “The Weekly Standard” (18.2.2018).

A referência a “outra reforma fiscal” não faz justiça a Trump, pois é considerada a maior redução de impostos desde os tempos de Ronald Reagan. E sobre a reforma da saúde de Obama, é verdade que os legisladores republicanos não conseguiram chegar a acordo para apresentar uma alternativa, embora tenham eliminado a obrigação individual de contratar um seguro de saúde. De qualquer forma, Byler tem razão em dizer que as divergências de fundo dos republicanos – anteriores à “era Trump” – pesaram na opção de avançar com uma agenda legislativa mais “inovadora e construtiva”. Outro aspeto são os bons dados económicos do país ou o conseguido noutras frentes.

“Deploráveis”

Os votantes de Trump não estão cegos, [defende](#) no “The Guardian” (23.7.2018) Henry Olsen, investigador do Ethics and Public Policy Center e autor de vários livros sobre o Partido Republicano. Reconhecem os erros do seu presidente, mas consideram mais graves os do Partido Democrata. Se algo uniu a coligação que votou em Trump, foi a sua animosidade para com Hillary Clinton, afirma citando o estudo de Ekins. E avança um dado que extrai das sondagens feitas à boca das urnas: Trump ganhou graças ao facto de se ter imposto de forma esmagadora a Clinton entre 18 % dos norte-americanos que não queriam nenhum dos dois candidatos.

Às legislativas não se apresentou Clinton, o que indignou os votantes de Trump por tê-los chamado “deploráveis”. Mas é possível que a constante hostilidade que tem havido dos meios de comunicação social de esquerda para com o presidente, acabe por reafirmar as bases republicanas no apoio a ele.

Há outros fatores que explicam o sucesso de Trump com esta coligação tão dispar. Para além das conquistas no Congresso ou do obtido por decreto, o presidente deu aos seus apoiantes algo que as elites progressistas lhes haviam negado: respeito e legitimidade. Isto é especialmente verdade no caso dos “homens e mulheres esquecidos” aos quais se referiu Trump ao conhecer a sua vitória e depois na tomada de posse: “Nunca mais voltarão a ser ignorados”. O facto de falar sem rodeios e se atrever a dizer o mesmo que eles pensam, faz com que se sintam legitimados.

A mesma espontaneidade serviu-lhe para forjar um vínculo afetivo com os seus seguidores, como explicam Zito e Todd em relação aos votantes do Centro-Oeste e Maggie Haberman [em relação aos do Sul](#) (“The New York Times”, 14.10.2018). Trump não mudou a sua política: continua a ser a mesma pessoa que viram durante anos nos *reality shows*. E embora muitas das prioridades desses votantes sejam económicas, seguramente é verdade o que explica a Haberman um estratega do Partido Republicano, para quem o atrativo de Trump entre os seus seguidores mais insultados “não é uma questão de posições políticas, mas de ser um guerreiro para os seus apoiantes”.

Herói pró-vida?

Para Olsen, a chave para Trump continuar a contar com a lealdade das bases do GOP é que “se prontificou a dar a cada facção aquilo que elas mais desejavam”. E apresenta o exemplo dos conservadores, que segundo os seus estudos, representam 25 % do Partido Republicano. A este grupo de votantes, cujo candidato inicial nas primárias era Ted Cruz, preocupava sobretudo que os juizes progressistas restringissem pouco a pouco a sua liberdade para viverem de acordo com as suas convicções. O seu apoio ao presidente está condicionado a que “nomeie juizes que protejam as suas crenças e o seu estilo de vida”.

Trump não conseguiu apenas preencher duas vagas do Supremo Tribunal com dois magistrados conservadores, Neil Gorsuch e Brett Kavanaugh, este último questionado num processo de [alta voltagem emocional](#). Também se apressou a nomear juizes federais; até há pouco tempo, o Senado confirmou 24 de apelação e 53 de distrito. Trata-se de magistrados –[explica](#) Tessa Berenson na revista “Time” (8.2.2018) – que, por um lado, favorecem uma interpretação restritiva da Constituição e que, por outro, combatem a proliferação de regulamentos administrativos.

Para um setor dos conservadores, Trump é o herói pró-vida por quem esperavam desde há vários anos. Kate Bryan, responsável pela comunicação da Marcha pela Vida em Washington D.C., [resumia](#) (“Aceprensa”, 14.3.2018) assim os sentimentos existentes no movimento: “Apesar de haver muitas pessoas pró-vida que não são entusiastas do presidente Trump, ele foi coerente nas suas palavras e ações para proteger a vida do não nascido”.

Entre as decisões de Trump mais apoiadas pelos pró-vida encontram-se a [proibição do uso de fundos federais](#) para promover o aborto no estrangeiro; o reconhecimento da [objeção de consciência](#) por razões éticas ou religiosas à norma da Administração Obama que obrigava a garantir anti-concecionais no seguro de saúde das empregadas, vários tipos de pílula com possível efeito abortivo e a esterilização; o apoio público à Marcha pela Vida, primeiro com a presença do

vice-presidente Mike Pence (2017) e depois com a intervenção via satélite do próprio Trump (2018)...

Outros conservadores, no entanto, duvidam dessa consistência. Trump pediu pena de morte para “os narcotraficantes realmente maus” – quando for legal, realça a sua Administração – e para os criminosos que matem polícias. E pronunciou-se a favor de “algum tipo de castigo” para as mulheres que abortam de forma ilegal, embora depois tenha recuado, talvez quando lhe fizeram notar que o movimento pró-vida não quer isso. E apesar de ter falado a favor das pessoas com síndrome de Down, também gozou com um jornalista imitando a sua deficiência.

Não são exageros. De facto, para Mathew Schmitz, chefe de redação de “First Things”, a rejeição da fraqueza integra-se na filosofia de Trump, muito influenciada pelo “evangelho da prosperidade”. Na sua fé autossuficiente, não existe espaço para os perdedores nem para os fracos, [observa](#) Schmitz.

Pensar a longo prazo

Alguns conservadores alertam o movimento pró-vida para que não caia na armadilha utilitária das vitórias políticas de curto prazo, em detrimento dos progressos culturais, que – mesmo lentos e dispendiosos – sempre são mais duradouros.

Um exemplo: Trump levou ao centro da opinião pública a denúncia do politicamente correto. Mas é uma denúncia genérica, em que raras vezes vai ao pormenor para explicar aonde se situa o problema. Além disso, a forma como a leva a cabo torna improvável que venha a convencer muitos dos viciados no politicamente correto. Mais, pelo contrário: só os reforça na ideia de que é mais necessário do que nunca.

Em face deste modo de abordar o problema, os intelectuais conservadores esforçam-se por fazer uma crítica do politicamente correto mais relaxada. Sem dúvida, perdem em eficácia. Mas com o seu magistério pacífico, a partir das aulas e a partir dos meios de comunicação, constroem pontes para um público que tomam por inteligente e a quem pensam poder persuadir com boas razões.

É muito provável que, no futuro, surja outro presidente que desfaça o que Trump fez (como Trump fez com Obama em temas bioéticos e este, por sua vez, com Bush Jr.). Entretanto, a causa pró-vida poderia ver-se “contaminada” pela sua associação com o trumpismo. Como convencer a esquerda de que o debate sobre o aborto transcende as filiações políticas? Ou que a compaixão é um traço que identifica o movimento pró-vida?

O professor de Princeton, Robert P. George, um dos intelectuais conservadores que desde a primeira hora liderou o “não” a Trump, está preocupado com a instrumentalização que

o presidente está a fazer de certos debates: “Trump procura servir-se de valores morais e patrióticos, em vez de servi-los”.

Mas outros alegam que o presidente só está a garantir aos conservadores o seu direito a serem deixados em paz. “Trump nunca fingiu ser um modelo de virtudes cristãs. O que fez foi dizer que protegeria o direito a sê-lo”, [diz](#) Hogan Gidley, estratega republicano.

Os fins não justificam os meios

Os conservadores defensores de Trump insistem muito nas conquistas do presidente, mas interessa-lhes menos a forma como as consegue. É verdade que ele – que não é conservador – está a cumprir as promessas que fez aos votantes de valores, algo de que não se podem orgulhar os políticos conservadores de outros países. Mas também atuou contra certos princípios que este tipo de votantes sempre haviam apreciado.

Numa dura [análise](#) publicada no “The Wall Street Journal” (16.10.2018), William A. Galston sintetiza princípios que, na sua opinião, informam como Trump vê o mundo e os outros: “Ser forte é bom; ser fraco, mau”. “Com a possível exceção da família, no fundo todas as relações têm interesses por trás”. “A essência da existência humana é a competição, não a cooperação”. “A divisão entre amigos e inimigos é fundamental”.

Desta mentalidade, derivam regras de conduta que não deveriam estar no movimento conservador. Algumas que Galston cita: “Os fins sempre justificam os meios”. “A melhor defesa é um bom ataque”. “Nenhum ganho para o bem comum é suficientemente importante para justificar a perda de poder”.

Este código de conduta não foi inventado por Trump, como muito menos inventou a política identitária vitimista para que apontaram alguns dos seus seguidores. A deterioração do debate público e a polarização dos Estados Unidos começou muito antes de ele ter entrado em cena. [Em meados de 2014](#), o Pew já alertava que a antipatia para com os votantes do partido rival havia chegado ao seu ponto mais alto em duas décadas. No entanto, o carácter explosivo do republicano e a sua forma divisiva de fazer política agravaram a crispação.

Ao contrário dos críticos acérrimos de Trump, Robert P. George [continua aberto](#) a reconhecer os acertos do presidente ao mesmo tempo que denuncia os seus erros, como dizia numa entrevista. É o mesmo critério que seguiu com Obama, a quem também se opôs com firmeza. Não é equidistância, nem tibieza. É o compromisso de um intelectual que se propôs enfrentar a onda de indignação que percorre o país. Uma onda que, até ao momento, tem jogado a favor de Trump.

J. M.

O fosso religioso do “trumpismo”

Quase três quartos dos votantes de Trump (73 %) declaram-se protestantes ou católicos. Mas uma coisa é considerar-se um cristão cultural, e outra que a fé influencie verdadeiramente as opiniões e a vida diária.

A prática religiosa não é o traço mais característico da maioria dos votantes de Trump. Quando o é, a fé atua como um moderador das posições extremas em temas como a raça, a identidade ou a imigração. Documenta-o Emily Ekins num [artigo](#) no “The New York Times” (19.9.2018) que utiliza dados de um estudo que efetuou para o Democracy Fund Voter Study Group.

Desde o início dos anos 90 do século passado, explica, “a percentagem de republicanos brancos que não se identificam com uma confissão religiosa triplicou”, o que está em sintonia com o aumento das pessoas “sem religião” – ateias, agnósticas e, na sua maioria, crentes sem confissão – em todo o país. “Hoje apenas 31 % dos votantes da coligação de Trump assistem a algum ato religioso com regularidade. 48 %, nunca ou raramente”.

Entre os votantes de Trump, a percentagem dos que consideram a desigualdade racial um problema sério é maior entre os que praticam (67 %) do que entre os que não o fazem (49 %). O mesmo acontece com a pobreza (42 % contra 23 %). Em consonância com o referido anteriormente, a participação em atividades solidárias é maior entre os votantes de Trump mais religiosos: 61 % prestaram ajuda num voluntariado em 2017, contra 20 % dos seus votantes que não se identificam com uma religião.

Outro aspeto interessante são as diferentes atitudes perante a identidade. Ekins sublinha a importância que tem para conservadores o sentido de pertença a um grupo. Os que frequentam a igreja costumam satisfazer esta necessidade nas comunidades em que se integram, enquanto que os não praticantes estão mais expostos à tentação de procurar um substituto nos grupos que exaltam a raça ou a nacionalidade, como faz a *alt-right*. Por isso, não é estranho que os votantes sem religião de Trump sejam “três vezes mais inclinados do que os praticantes a dizer que a sua identidade racial branca é ‘extremamente’ importante para eles”.

Os mais religiosos também têm uma visão mais favorável da imigração: “Quanto mais praticantes religiosos são os votantes de Trump, mais defensores são de oferecer a cidadania aos imigrantes que entraram de forma ilegal no país e de facilitar o processo migratório, e mais se opõem ao muro”.

Como se vê, votar Trump não significa estar de acordo com ele em todas as suas posições. O presidente trouxe mais

liberdade aos votantes de valores. Mas isso não significa que estes, em troca, tenham capitulado das suas convicções. Por isso, o conselho de Ekins aos democratas é inequívoco: se querem ver mais moderação entre os seguidores de Trump, eles pretendem que haja mais religião, não menos.

J. M.